

## **VOZES FEMININAS NO DISCURSO RELIGIOSO: Uma análise a partir da bíblia da mulher**

*Francikley Vito<sup>1</sup>*

### **Resumo:**

O campo religioso brasileiro presenciou nos últimos anos um crescimento numérico de *Bíblia de estudo* em circulação no mercado editorial, principalmente no mercado evangélico. Essas bíblias são endereçadas aos mais variados públicos leitores, inclusive o público feminino. Neste particular, tem se destacado em número de exemplares vendidos a *Bíblia da Mulher* (2003). O trabalho que apresentamos tem como intuito principal fazer uma análise dos paratextos encontrados nessa bíblia e nos perguntar se os discursos nele contidos podem ser caracterizados como discurso religioso feminino. Para alcançar nossos objetivos e medir a validade de nossa hipótese, faremos uma leitura do texto que narra o encontro entre *Jesus e uma mulher samaritana* (João 4). Narrativa oportuna para trabalhar com a temática apresentada.

### **Abstract:**

The Brazilian religious field witnessed in recent years a numerical growth of study Bibles in circulation in the publishing market, mainly in the evangelical market. These bibles are addressed to the most varied public readers, including the female audience. In this particular, it has stood out in number of copies sold the Woman's Bible (2003). The main purpose of this work is to analyze the paratexts found in this bible and to ask ourselves if the discourses contained therein can be characterized as female religious discourse. To reach our goals and measure the validity of our hypothesis, we will read the text that tells the encounter between Jesus and a Samaritan woman (John 4). Timely narration to work with the theme presented.

---

<sup>1</sup> Graduado em Teologia e Letras é mestre em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM e desenvolve estudos doutorais na Universidade de São Paulo - FFLCH/USP. É membro do NUMEP - Núcleo Multidisciplinar de Estudos do Protestantismo do CNPq/UPM e participante do Grupo Diálogo CNPq/USP. E-mail: francikley.vito@gmail.com

## **1. Discurso feminino e pentecostalismo**

A esfera religiosa se caracteriza discursivamente pela busca, aquisição e proclamação do sagrado; e nesta dinâmica a palavra exerce um papel primordial no funcionamento e desenvolvimento dos objetivos a ser alcançado por essa forma de discurso, o chamado discurso religioso. Pela caracterização colocada acima, é possível e necessário “reconhecer que o poder da palavra está distribuído e regulado na relação entre o homem e Deus” (ORLANDI, 1983, p. 227) e que esta relação é sempre mediada por um representante oficial da divindade entre os seres humanos (sejam eles padres, pastores, bispos, etc.).

Até bem pouco tempo, o ofício de ser representante da divindade – principalmente no cristianismo brasileiro em suas várias vertentes – era exercido quase que exclusivamente por homens; mas essa realidade vem sendo paulatinamente reavaliada graças às reflexões desenvolvidas sobre o lugar da mulher no cenário religioso e na sociedade como um todo. O Brasil não ficou longe dessa discussão.

Ainda que consideremos o discurso religioso como uma boa epígrafe agregadora para os vários discursos produzidos na relação entre os homens e o sagrado, é preciso perceber que na esfera religiosa existem formas variadas de ideologias dentro do mesmo movimento; estas formas variadas acabam por caracterizar uma “heterogeneidade” no interior de um mesmo espaço religioso, segundo Antonio Gramsci (1966, p. 117), fazendo de cada religião uma multidão de religiões distintas e multifacetadas. No caso do pentecostalismo, não é muito diferente, daí falar-se de pentecostalismos. Ao partir do pressuposto de que discurso é atividade no uso da linguagem por sujeitos inscritos em um contexto determinado (MAINGUENEAU, 2006, p. 43), devemos pensar sobre o que seria o discurso religioso feminino em perspectiva pentecostal. Segundo Machado (2010),

[...] O pentecostalismo existe há mais de um século e hoje pode ser encontrado em vários continentes do mundo. Os estudos comparativos demonstram, por exemplo, características diferenciadas, função das matrizes culturais das distintas sociedades nacionais, assim como mudanças ao longo deste período no interior de uma mesma sociedade. No caso da América Latina, as pesquisas indicam que o crescimento nas últimas décadas dos grupos pentecostais no interior de países como Guatemala, Venezuela, Peru e Brasil resultou numa ampliação da participação desses segmentos na política institucional e na mobilização de lideranças religiosas com o objetivo de influenciar as políticas públicas. (MACHADO, 2010, p. 22)

Mesmo olhando o pentecostalismo em uma perspectiva sociológica e, ligeiramente mercadológica, a pesquisadora consegue detectar as mudanças trazidas ao campo religioso pentecostal graças ao protagonismo feminino em especial nas mudanças de políticas públicas, mesmo não se filiando aos movimentos feministas em marcha em todos os seguimentos da sociedade, com seu discurso de uma necessidade de mobilização feminina para não sucumbir à “opressão” (ALVES; PITANGUY, 2003, p. 7) numa busca pela superação das desigualdades historicamente construídas, seja na sociedade como um todo, seja em campos específicos destas sociedades.

O que não pode ser negado é que esta assimetria entre as funções e lugar do homem e da mulher na esfera religiosa, é uma construção histórico-ideológica que alcança as mais variadas esferas sociais. Exemplo desta deformação pode ser percebido nas palavras do filósofo suíço Jean Jacques Rousseau (1712-1778), um dos principais representantes do Iluminismo. Ao defender que as mulheres deveriam ser educadas para o serviço do homem, alcançando assim sua realização natural, o filósofo iluminista afirma em palavras nada amistosas que:

Toda a educação das mulheres deve ser relacionada ao homem. Agradá-las, ser-lhes útil, fazer ser amada e honrada por eles, educá-las quando jovens, cuidá-las, tornar-lhes a vida útil e agradável – são esses os deveres das mulheres em todos os tempos e o que lhes deve ser ensinado desde a infância. (ROUSSEAU apud ALVES; PITANGUY, 2003, p. 34)

Em sentido contrário, uma das primeiras vozes femininas a se levantar no mundo para falar sobre a igualdade entre homens e mulheres diante de Deus e da sociedade, foi a da pregadora puritana Ann Hutchinson (1591-1643) que, influenciada por seu pai, liderava reuniões de oração em que algumas mulheres reuniam-se para dialogar sobre a fé e outros assuntos espirituais e de interesses da sociedade. Em suas pregações Hutchinson ensinava, em contrário ao dogma vigente, que Deus criou todos iguais e que a salvação não era meritória, mas uma dádiva de Deus às pessoas. Ao ser acusada de ter se comportado mais como “um marido do que uma esposa” (ALVES; PITANGUY, 2003, p. 30), Hutchinson foi condenada ao banimento em 1637 para outra colônia do chamado, à época, Novo Mundo (Estados Unidos da América) onde viveu com a sua família. Ann morreu na atual Nova Iorque em um ataque de índios à cidade.

É certo que a relação das mulheres com as instituições religiosas não foram fáceis, mas, como tivemos a oportunidade de ver, a assimetria entre masculino e

feminino não é exclusividade do campo religioso. Não parece ser fácil romper com uma história e andar para além dessas construções históricas e ideológicas que submerge as civilizações e as esferas da sociedade por todas as partes levando-as a uma posição de diferenciação e discriminação (MEULEBROECK, 1975, p. 6), mas há variações que surgem na própria religião que impulsionam seus membros a ir além da cultura que os cerca; cultura que diferencia e escamoteia feminino e masculino. Ao avaliar o movimento pentecostal e o protagonismo feminino, a pesquisadora Maria das Dores Campos Machado, afirma que:

Como quase todas as tradições religiosas, a ordem de gênero dos grupos pentecostais tende a ser assimétrica. Entretanto, a doutrina apresenta elementos igualitários que favorecem uma revisão dos arranjos tradicionais uma vez que fortalecem a autoridade moral dos/as fiéis e estimulam o processo de individuação das mulheres. Tenho trabalhado com este processo de revisão da subjetividade feminina nos segmentos populares a partir da ampliação do pentecostalismo nas periferias urbanas e o que me parece mais importante é chamar atenção para o fato de que através dos valores religiosos, muitas mulheres conseguem se estruturar para enfrentar os desafios para a entrada no mercado formal e informal do trabalho. Distante dos movimentos sociais e, em especial do feminista, estas mulheres encontram na doutrina pentecostal os elementos discursivos para justificar iniciativas individuais em direção à esfera econômica e do mercado de trabalho. Então, embora não se compare com a proposta feminista de ampliação de autonomia feminina, este processo acaba por apresentar um resultado que a meu ver não é desprezível: estimular a educação feminina e fomentar a transformação das mulheres do segmento popular em atores econômicos e enquanto tal com mais margem de negociação nas suas relações sociais e afetivas. [...] De qualquer forma, este processo de revisão por parte das mulheres se dá em sintonia com mudanças nas percepções dos pentecostais sobre o papel social das mulheres na contemporaneidade. (MACHADO, 2010, p. 23)

Assim, olhar o pentecostalismo em relação ao protagonismo do feminino é nos obrigar a repensar os nossos pressupostos concernentes ao religioso, de modo geral, e ao movimento pentecostal, de modo específico. Tais mudanças são atestadas por pesquisas variadas e caracterizam movimentos que, apesar de paulatinos e ainda pequenos, demonstram um “empoderamento” das mulheres na esfera religiosa do mundo contemporâneos, em especial os grupos pentecostais e neopentecostais (VILHENA, 2015). Nestes grupos as mulheres têm assumido cargos de liderança, o que resultou no fortalecimento da “democracia no interior das igrejas” (VILHENA, 2015, p. 126), bem como no fortalecimento de um convívio mais igualitário e respeitoso entre lideranças masculina/feminina na esfera religiosa como um todo.

É possível pensar sobre os fatores históricos e sociais que influenciaram o pentecostalismo em seus primeiros anos; de sua herança norte-americana de respeito ao feminino no começo do Século XX ou sobre as relações de funcionalidade (quais os motivos que levaram as mulheres a assumir as reuniões de orações, por exemplo); mas não é possível negar que no pentecostalismo as mulheres ganharam lugar de destaque eclesiástico, tornando-se protagonistas em suas comunidades de fé. Não por acaso, já podemos perceber em vários movimentos dentro do Cristianismo e, em especial, nos movimentos caracterizados como Neopentecostais, mulheres exercendo a função de pastoras, antes uma exclusividade dos homens.

## **2. Bíblias para mulheres**

A importância crescente das mulheres em cargos de liderança em todas as esferas da sociedade, inclusive nas igrejas cristãs, fez com que o mercado editorial de bíblias se voltasse para este potencial grupo diante de sua importância e influência na família, na Igreja e na sociedade em seus vários campos. A importância do papel da mulher em liderança de comunidades cristãs no Brasil, segundo Dilza Christine Lundgren de Barros (em entrevista à *Revista da Bíblia*, 2011, p. 11), é resultante de seu protagonismo na condução religioso da família, realidade que não é reproduzida em outros países do mundo. Esta mesma posição em relação ao protagonismo da mulher é percebida pela pesquisadora do pentecostalismo Marina Correa (2013, p. 241) em livro no qual estuda o exercício de poder em igrejas pentecostais.

Hoje a maioria das editoras brasileiras, de todas as confissões de fé, já traduzem, produzem, editam e comercializam bíblias que são endereçadas a grupos femininos. Cronologicamente, uma das primeiras bíblias endereçadas ao público feminino foi a *Bíblia de estudo para mulheres* (2002), lançada pela Editora Atos e que atualmente comercializa a *Bíblia da mulher virtuosa* (2016)<sup>2</sup>. A Casa Publicadora das Assembleias de Deus – CPAD, uma das maiores editoras evangélicas do país, lançou a *Bíblia círculo de oração* (2010), uma bíblia produzida e preparada para “o público feminino”, em

---

<sup>2</sup> Site da editora. Disponível em <http://editoraatos.com.br/biblia-de-estudo-da-mulher/biblia-da-mulher-virtuosa-4.html>. Acesso em 11 de outubro de 2016.

especial para as mulheres que militam em reuniões de oração. Segundo site da editora CPAD<sup>3</sup>:

Esta obra é especial para mulheres e faz apontamentos em diversos episódios da Bíblia que envolveram o ato de orar. Assim, é mais agradável aprender e enriquecer a comunhão com Deus por meio de uma vida de oração. Encontre na Bíblia Círculo de Oração diversos artigos, direcionamento, introdução explicativa de cada livro, guia para uma semana de oração, lista com razões para orar, harpa cristã e mais de 1000 notas mostrando a oração na vida dos personagens bíblicos e quais deles tiveram suas orações respondidas. Além de tudo isso, conheça a história do Círculo de Oração e veja fotos dos primeiros participantes.

Ainda visando o mesmo público leitor, a Editora Vida, editora que desponta como uma das maiores no mercado de bíblias de estudo, lançou a *Bíblia de Estudo da Mulher de Fé* (2013). Segundo apresentação do site da editora, “a *Bíblia de Estudo da Mulher de Fé* é um guia em que você pode confiar. Repleta de discernimento, ela ajuda você a se conectar com mulheres do passado, do presente e do futuro, e a conduzirá a uma nova compreensão à medida que você prossegue em sua jornada como mulher de fé”. Ao apresentar as características da bíblia, o site<sup>4</sup> continua dizendo:

Deus deseja preencher seus dias com o dom maravilhoso de sua graça e de seu amor. Deixe a *Bíblia de Estudo da Mulher de Fé* ajudar você a remover as barreiras que se ergueram entre você e Deus. Descubra como as mulheres dos tempos bíblicos lidaram com lutas semelhantes às suas, aumente sua confiança na mensagem de graça e liberdade em Cristo e celebre sua feminilidade única, um presente de Deus. Esta Bíblia, desenvolvida em parceria com o ministério *Women of Faith* [Mulheres de Fé], foi escrita especificamente para a mulher contemporânea, com o objetivo principal de ajudá-la a vivenciar a graça libertadora de Deus.

Na mesma esteira de produção de bíblias voltadas para o público feminino, a editora Hagnos lançou a *Bíblia da mulher segundo o coração de Deus* (2016). Impulsionada pelo sucesso editorial da conferencista norte-americana Elizabeth George, cujos livros já venderam mais de 4,8 milhões de exemplares no mundo, para editora a bíblia é uma tentativa de alcançar o público feminino com uma linguagem simples e

---

<sup>3</sup> Disponível em <http://www.cpad.com.br/biblia-circulo-de-oracao-hc-cp-bond-uva-violeta-/p#titulo-aba-caracteristicas>. Acesso em 10 de outubro de 2016.

<sup>4</sup> Disponível em <http://www.editoravida.com.br/p/670-biblia-de-estudo-da-mulher-de-fe-cp-luxo-rosa/>. Acesso em 10 de outubro de 2016.

voltada para uma compreensão devocional dos textos bíblicos. Na apresentação publicada no *site*<sup>5</sup> da editora, temos as seguintes informações:

A Bíblia da mulher segundo o coração de Deus está repleta de devocionais emocionantes. Elizabeth George apresenta um panorama empolgante sobre a verdade de Deus no que diz respeito à fé, esperança, família, corpo, amizade, agenda etc. Nela você receberá inspiração diária que a preparará para enfrentar os desafios da vida e a ajudará a fazer escolhas certas. Ao fim de cada meditação há uma oração especial para aquecer sua alma e lembrá-la do amor e do cuidado do Senhor por você! A paz e a felicidade somente são alcançadas quando vivemos segundo o coração de Deus.

Ainda nas mesmas condições de Bíblias de estudo cujo intuito é fornecer ao público feminino uma interpretação mais voltada para leituras devocionais do texto bíblico, estão duas bíblias cuja expressão no mercado editorial evangélico é muito limitada. São elas a *Bíblia de estudo desafios de toda mulher* (2015) e a *Bíblia Mulheres Diante do Trono* (2014). A primeira é resultado dos esforços da editora Mundo Cristão, que já havia lançado no mercado *A Bíblia da mulher que ora* (2012), para atender ao público feminino evangélico com uma Bíblia de estudo exclusiva para mulheres, uma “companheira inseparável para lidar com as questões que mais a intrigam e desafiam [as mulheres]”, segundo informações no *site*<sup>6</sup> da editora. Que completa a apresentação com as seguintes perguntas:

*O que você espera de uma Bíblia de estudo para mulheres?*

Textos edificantes? Orientações sobre questões polêmicas? Estudos desafiadores? Respostas esclarecedoras? *A Bíblia de estudo desafios de toda mulher* reúne tudo isso, oferecendo o alimento essencial para a mulher cristã de nossos dias, em uma proposta pioneira. A dedicação e o compromisso com a excelência das 66 articulistas permitiram que você tenha em mãos uma Bíblia única. (grifo no original)

A segunda das bíblias apresentadas, a *Bíblia Mulheres Diante do Trono* (2014), é um empreendimento do grupo musical de mesmo nome que vendeu mais de dez (10) milhões de cópias de CD's no Brasil e que é capitaneado por Ana Paula Valadão, um dos maiores expoentes da música evangélica no país. O lançamento da Bíblia foi acompanhado com muita atenção pela imprensa secular que classificou a venda de

<sup>5</sup> Disponível em <http://www.hagnos.com.br/produtos.asp?codigo=581>. Acesso em 10 de outubro de 2016.

<sup>6</sup> Disponível em <http://www.mundocristao.com.br/produto/782>. Acesso em 10 de outubro de 2016.

dezessete (17) mil cópias, só no primeiro dia de lançamento, como um aproveitamento do prestígio do grupo “para faturar no mundo editorial”<sup>7</sup>. Segundo informações do *site*<sup>8</sup> do Diante do Trono a publicação é:

Uma Bíblia especial, elaborada para a edificação da alma feminina, com artigos relevantes para a mulher que deseja viver uma vida repleta de significado e pautada nos princípios das Escrituras. A Bíblia Mulheres Diante do Trono – NVI chega às livrarias trazendo a poderosa mensagem da Palavra e conteúdos exclusivos escritos por Ana Paula Valadão, organizadora do projeto, e um time de mulheres que têm um relacionamento sério e íntimo com Deus, dentre elas, Bianca Toledo, Cris Poli, Devi Titus, Helena Tannure, Sharon Jaynes, entre outras líderes cristãs. A Bíblia Mulheres Diante do Trono almeja incentivar a leitura e a meditação diária na Palavra de Deus. A cada semana há um texto devocional, escrito por mulheres dos nossos dias sobre temas pertinentes a nós [mulheres].

Os dados apresentados colocam-nos diante de algumas considerações com as quais precisamos lidar antes de continuarmos o nosso trabalho. Quando olhamos para as apresentações de bíblias produzidas no mercado editorial evangélico, percebemos que [a] as Bíblias de estudo voltadas para o público feminino caracterizam-se por um trabalho gráfico que prioriza capas com cores chamativas e visualmente adequadas ao imaginário feminino; que [b] a maioria dessas bíblias confia na popularidade ou sucesso editorial de suas comentadoras e colaboradoras para atrair o potencial público leitor dessas publicações; que [c] grande parte dessas bíblias apela para o sentimento feminino de companheirismo, amizade e uma pretensa necessidade de facilitação da linguagem para compreensão do texto bíblico com uso de palavras tais como “emocionante”, “significado”, “felicidade”, “amizade” e “alma”, dentre outras; além disso [d] a maioria dessas publicações é resultado de trabalhos lançados em outros países e que chegam ao mercado brasileiro como traduções e com suas adaptações culturais.

Neste mesmo sentido de publicações e estratégias editoriais (pontos a; b e c) está a *Bíblia da mulher devota* (2015), publicação voltada para o público feminino católico e

---

<sup>7</sup> Blog de Felipe Patury na Veja. Disponível em <http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/felipe-patury/noticia/2014/08/bversao-da-biblia-de-ana-paula-valadaob-vende-17-mil-copias-em-um-dia.html>. Acesso em 10 de agosto de 2016.

<sup>8</sup> Disponível em <http://diantedotrono.com/biblia-mulheres-dt-para-todo-o-brasil/>. Acesso em 10 de outubro de 2016.

que foi colocada no mercado pela Editora Santuário<sup>9</sup>. É preciso resaltar que, diferente das bíblias do campo cristão-evangélico, esta bíblia, apesar de ter como alvo consumidor a mulher católica, não traz comentários de mulheres, mas de um missionário católico, o Padre José Raimundo Vidigal, além de “orações voltadas exclusivamente para a realidade da mulher”; também escritas pelo padre Vidigal. Essas características diferencia a *Bíblia da mulher devota* de outras publicações para o público feminino e, a nosso ver, enfraquece o apelo ao feminino que a bíblia traz em seu título; considerando que as notas e comentários foram escritos por um homem, ainda que revestido de autoridade eclesial como sacerdote católico.

Temos que reconhecer que é quase impossível acompanhar os lançamentos de bíblias produzidas para o público feminino, mas o panorama traçado acima mostra como esse é um mercado que cresce a cada dia e que, graças ao número de exemplares vendidos, tende a multiplicar a oferta de publicações no horizonte religioso.

### **3. A Bíblia da Mulher**

Uma das mais importantes editoras do Brasil, a SBB – Sociedade Bíblica do Brasil, em fidelidade à sua política de impressões de Bíblias em parceria com outras editoras da esfera cristão-evangélica, se destaca na produção de bíblias voltadas para o público feminino ao trazer em seu catálogo *A Bíblia Sagrada Entre Mulheres de Deus*; *Bíblia Sagrada Elas Falam de Deus* e a *Bíblia Sagrada Deus Está Comigo – Reflexões para mulheres*. Mas, certamente, seu maior sucesso editorial, e o maior sucesso editorial entre publicações desta natureza, é a *Bíblia da Mulher* (2003, que em citações aparecerá também como BM) com mais de um (1) milhão de exemplares vendidos (Cf. *Revista da Bíblia*, n.233, p. 12).

A pergunta que precisamos fazer e que rege nossos estudos sobre o tema é se *os discursos contidos na Bíblia da mulher são discursos femininos, ou se eles são apenas reproduções de discursos já conhecidos na esfera evangélica e protagonizados primordialmente por homens*. Com essa indagação em mente, seguimos à análise da *Bíblia da Mulher*, mais especificamente dos paratextos (GENETTE, 2009, p. 10)

---

<sup>9</sup> Informações do site da editora. Disponível em:  
[http://editorasantuario.com.br/produtos/detalhe/1308/biblia\\_da\\_mulher\\_devota\\_capa\\_cristal](http://editorasantuario.com.br/produtos/detalhe/1308/biblia_da_mulher_devota_capa_cristal). Acesso em 16 de agosto de 2016.

encontrados como auxílio para a leitura da narrativa do diálogo entre Jesus e a Mulher Samaritana (João 4).

Quando falamos de paratextos fazemos uso do termo usado pelo teórico Gérard Genette em seu livro *Paratextos Editoriais* (2009) e que na *Bíblia da mulher* aparece como “introdução” aos livros bíblicos; “tópicos” sobre assuntos de interesse feminino “retratos” da vida das personagens femininos na Bíblia; artigos com “pontos de vista” que “lançam luz” sobre o texto bíblico, além de “notas”, “citações inspiradas” (BM, 2003, p. x) e a própria capa da publicação. Estes paratextos são colocados à disposição do leitor/leitora para a compreensão do prototexto, do texto principal.

A *Bíblia da Mulher* tomou uma posição declaradamente ortodoxa em relação ao lugar do texto bíblico para suas reflexões. Em apresentação à bíblia, a editora geral Dorothy Kelley Patterson, sublinha que a equipe editorial “escolheu colocar-se *sob* a autoridade das Escrituras” (BM, 2003, p. ix, grifo no original); posição que vai ao encontro às críticas que promulgam que os textos bíblicos são frutos de uma cultura patriarcal cuja única preocupação é afirmar valores masculinos e preconceituosos que exclui a mulher como sujeito e protagonista na sociedade e na história (MARGUERAT, 2011, p. 5); esses valores e críticas ganharam representação, principalmente, pelo trabalho de Elizabeth Candy Stanton (1815-1902) que em 1895 escreveu uma bíblia para mulheres com a intenção de libertá-las da “opressão” das Escrituras. Com intuito de afirmar a autoridade da Bíblia, continua Petterson na apresentação:

Buscamos entender a mensagem da Bíblia, enquanto nos comprometemos a vivenciar seus princípios de fé e prática. Curvamo-nos diante da absoluta veracidade e singularidade da Palavra de Deus. Não precisamos torcer, reescrever as Escrituras, redefinir suas palavras nem escolher o que iríamos aceitar como autoridade ou o que exaltaria a razão humana. Ao contrário, nós nos comprometemos a pesquisar profundamente as Escrituras, a fim de encontrar uma palavra de Deus sobre quem somos e sobre o que devemos ser. (BM, 2003, p. ix)

Para observarmos como os princípios acima apresentados podem ser percebidos na prática interpretativa em relação a um texto bíblico específico e para testarmos a nossa hipótese básica, voltaremos nossa atenção para a narrativa contida no evangelho de João 4.1-30. Naquela passagem bíblica é contada uma história sobre o encontro necessário (v. 4) entre Jesus e uma mulher sem nome da região de Samaria; o encontro

foi moldurado pela presença de um poço que ficava a aproximadamente um quilometro de distância da pequena aldeia de Sicar (v. 5). O encontro deu-se por volta de meio dia enquanto Jesus estava só encostado no poço, porque os seus discípulos tinham ido à cidade compra comida para o grupo. Neste contexto chega uma mulher samaritana que ao aproximar-se do poço ouviu de Jesus o inusitado pedido para que lhe dê de beber (v. 7). Assustada pelo fato de um judeu está interessado em seus serviços e em sua vida, a mulher começa a dialogar com Jesus sobre temas variados; em especial sobre suas tradições, suas crenças, sua história e suas perspectivas escatológicas. A conversa termina com a crença por parte da mulher de que Jesus é o Messias – o escolhido de Deus – para libertar e unir os povos, inclusive judeus e samaritanos (v. 28-29). Ao final da narrativa os samaritanos creem em Jesus a partir das palavras da mulher.

Ao analisar o texto do encontro entre Jesus, um homem judeu, e uma mulher de Samaria, a *Bíblia da mulher* coloca seu leitor em contato com quatro tipos de paratextos diferentes; a saber, cinco “notas” explicativas, dois quadros explicativos ou “pontos de vista” e uma “citação inspirada”, uma frase que traz uma espécie de moral inspirativa e que ensina uma lição sobre verdades bíblicas. Esses recursos tem como intuito principal auxiliar os leitores/leitoras da narrativa a extrair daquela passagem lições pratica para sua vida cristã.

A citação inspirada é atribuída à Gaill MacDonald, escritora americana cujos livros fazem sucesso pela leitura principalmente entre o publico feminino. A citação aparece na bíblia dividindo ao meio o versículo nove (v. 9) que diz “[...] Como sendo tu judeu, pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana (porque os judeus não se dão com os samaritanos)?” Surpreendentemente, porém, a citação não trata em nenhum momento da principal temática do versículo, ou seja, as diferenças entre judeus e samaritanos, de forma geral, e as diferenças sociocultural entre homem e mulher, de forma específica. Antes, o texto fala da escolha feita por Jesus em relação aos seus discípulos, e diz: “Jesus não aceitou voluntários como discípulos. Ele escolheu cada um... porque viu o potencial que tinham.” (BM, p. 1676). Assim, percebemos que, no que diz respeito a esse primeiro paratexto, não há nenhuma menção a temas de interesse feminino, apesar de a citação ser atribuída a uma mulher.

Nas duas inserções de pequenos artigos chamados de “ponto de vista”, não há indicação de autoria, mas ambos têm títulos que nos leva a pensar em temas do feminino. O primeiro (p. 1674) recebeu o nome de “*A mulher samaritana*” e o segundo (p. 1677) ganhou um título extremamente sugestivo, “*Ministérios femininos I Mulheres no evangelismo*”. No que diz respeito ao conteúdo desses dois artigos, o primeiro apesar de trazer um tratamento específico de temas que dizem respeito ao contexto da mulher nos tempos de Jesus, não aprofunda esses temas como era de se esperar para um artigo que tem como título “A mulher samaritana”; o que temos é uma reprodução de informações que podem ser facilmente encontradas em outros manuais bíblicos. Entendemos que uma das poucas contribuições que este texto traz para o debate da situação da nos tempo de Jesus com aplicação para o nosso tempo é a admissão de que a Mulher Samaritana era uma “mulher imoral” e “proscrita social” que, mesmo assim, foi quem recebeu a revelação direta de Jesus de que ele era o Messias prometido. Neste sentido, Jesus teria, segundo o texto, desprezado as “barreiras sociais” que separavam homem e mulher/judeus e samaritanos para instituir uma nova forma de tratar as diferenças, “oferecendo perdão, redenção e nova vida”, ligando a ação de Jesus a uma realidade espiritual-religiosa.

No segundo artigo, ou ponto de vista, “*Ministérios femininos I Mulheres no evangelismo*”, aparece de maneira mais notória os chamados temas do feminino. Especificamente, este artigo trata do tema do “ministério das mulheres no evangelho”, isto é, o trabalho de liderança da mulher nos textos bíblicos do Novo Testamento. Analisando o ministério de mulheres a partir da narrativa da mulher samaritana, o artigo repete muitos dos argumentos encontrados no artigo anterior ao dizer que os samaritanos eram um grupo de pessoas que não tinham bom relacionamento com os judeus e que não era lícito a um mestre judeu conversar com mulheres em público. Ancorado no argumento de que Jesus quebrou todos esses costumes na interação com a mulher, o artigo afirma que “Jesus confirmou o ministério de mulheres no evangelho” (BM, p. 1677), e continua:

A vinda do Espírito reforçou o papel das mulheres no evangelho. As mulheres, juntamente com os homens, foram capacitadas a testemunharem até os confins da terra (At 1.8), elas também estavam envolvidas na divulgação do evangelho em Bereia (At 17.12). As mulheres do Novo Testamento, juntamente com os homens, foram comissionadas a serem ‘luz do mundo’ e, portanto, estavam

profundamente envolvidas no ministério de evangelismo (Mt 5.14-16). (BM, 2003, p. 1677)

O texto de opinião esforça-se para romper com a assimetria entre homens e mulheres na pregação do evangelho e, conseqüentemente, em sua participação nas atividades da comunidade de fé, tanto de forma localizada quanto de forma mais extensiva. É preciso notar ainda que, apesar de levar a mulher ao protagonismo na evangelização e organização das primeiras comunidades cristãs, em especial no livro bíblico de Atos dos Apóstolos, o texto tem a preocupação de ressaltar que esse protagonismo era conjunto entre homens e mulheres e não de um em detrimento do outro.

No que diz respeito às notas marginais, notas que ficam abaixo do texto bíblico e que, portanto, entram em uma interação tanto discursiva quanto gráfica com ele, temos cinco comentários curtos sobre a narrativa. Na primeira nota (comentário para os versículos de 4-6) é dado ao leitor informações de ordem geográfica para mostrar que os judeus não costumavam usar o caminho usado por Jesus para ir da Galileia à Judeia; na segunda nota (para o versículo 7) o leitor se depara com uma informação cronológica, isto é, a informação de que a hora sexta é “a hora mais quente do dia” e que, por isto, não era o horário mais apropriado para se tirar água de um poço em uma região quente como aquela; a conclusão a que chega é que a mulher deve ter saído aquela hora “para não se encontrar com outras mulheres”, frase que diálogo com o primeiro artigo de opinião (p. 1674); na terceira nota (referente ao versículo 9) há apenas uma frase, a saber, “Jesus simplesmente ignorou as regras sociais do seu tempo porque queria falar com a mulher samaritana” (BM, p. 1676), também em diálogo com o primeiro artigo de opinião. A quarta nota marginal, retorna a argumentos de natureza sócio-geográfica ao nos dar o posicionamento da “cidade de Samaria” e de sua história anterior que motivou a rixa entre os samaritanos e os judeus, informações já apresentadas em outros paratextos. Na última nota (para os versículos 25-26) é dito que os samaritanos também esperavam a chegada do Messias, informação depreendida do texto bíblico e que não tem veiculação com temas femininos, mas com temas histórico-doutrinários.

É preciso avaliar que das cinco notas marginais que auxiliam a leitura do texto com o qual estamos trabalhando, nenhuma trata especificamente de temas ligados às

problemáticas femininas, mas reproduzem informações que podem ser encontradas em outros comentários e sobre perspectivas muito parecidas com esses manuais, uma perspectiva que não coloca em relevo o aspecto do protagonismo feminino (com exceção do segundo texto de opinião), mesmo a passagem bíblica tendo como protagonista uma mulher. Assim sendo, é preciso que reavaliemos a voz feminina que aparece em paratextos da *Bíblia da Mulher*; pois, apesar de ser endereçada editorialmente ao público feminino, essa bíblia traz bem poucos elementos discursivos e argumentativos que realce o protagonismo feminino em passagens bíblicas.

### **Considerações finais**

Ancorados nos números relativos às vendas, não há como negar que a *Bíblia da Mulher* é um fenômeno de vendas no mercado editorial evangélico brasileiro. Uma bíblia endereçada às mulheres, em especial às mulheres que ocupam cargos de liderança em comunidades evangélicas contemporâneas; mas uma análise mais apurada dos paratextos coloca-nos diante de elementos que nos faz perceber que essa publicação em muito pouco se diferencia de outras publicações de mesma natureza, como manuais bíblicos e bíblias de estudos que não se voltam – exclusivamente – ao público feminino.

Quando analisamos os paratextos listados na *Bíblia da Mulher*, em especial aqueles que ajudam na compreensão do capítulo quarto do Evangelho de João, encontramos neles características semelhantes com conteúdos de paratextos presentes em outras bíblias de mesma natureza, ou seja, bíblias que tem como principal intuito ser um mediador entre o leitor e o texto bíblico; como resultado, podemos dizer que as diferenças dessa bíblia em relações às outras revelam que as maiores diferenças não estão nos paratextos internos como notas marginais, artigos de opinião ou frases inspirados, mas nos paratextos externos. Ou seja, para atrair o público a qual se destinam as bíblias endereçadas às mulheres se caracterizam pelo trabalho gráfico e não tanto pelo conteúdo de suas notas e artigos.

Assim, quando nos perguntamos se a *Bíblia da Mulher* é uma bíblia que traz em seu interior um discurso eminentemente feminino, podemos responder negativamente se considerarmos que a maioria dos seus paratextos reproduzem informações que podem ser encontradas em muitos outros manuais e não enfocam temas de natureza feminina,

ou seja, temas que se voltem para o protagonismo da mulher, pelo menos não na passagem que acabamos de analisar. É claro que esse tema precisa de maiores estudos e pesquisa, mas já podemos desconfiar, ao menos *a priori*, de materiais voltados ao público feminino por não encontrarmos neles um discurso que ajuda a reparar a assimetria entre mulheres e homens na sociedade de nossos dias.

### Referências bibliográficas

A *BÍBLIA da Mulher*. Tradução de Maria Claudia Nunes Dias e Outros. São Paulo: SBB, 2003.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

CORREA, Marina. *Assembleia de Deus: Ministérios, carisma e exercício de poder*. São Paulo: Fonte editora, 2013.

GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. Tradução Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GRAMSCI, Antonio. *Il materialismo storico e la filosofia di Benedetto Croce*. Roma: Editori Riuniti, 1996. E-book. Disponível em <<https://docs.google.com/file/d/0BxMCz8C1zU52cWNDaDJfMDZGVVEE/edit>> Acesso em 15 de julho 2016.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *O pentecostalismo e as mulheres*. (In: Wolfart, Graziela (Org.) IHU Online – Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Ano X, n. 329, 2010, p. 22-25).

MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave de análise do discurso*. Tradução de Márcio Venício Barbosa e Maria Emília A. Torres Lima. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

MARGUERAT, Daniel. *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I*. Cadernos Teologia Pública. Ano III. Número 55. São Leopoldo/RS : Unisinos, 2011.

MEULEBROECK, Marthe van de. *La religion et la femme*. (In : Les Cahiers du GRIF. Des femmes accusent l'église. Année 1975. Volume 8. Numéro 1, p. 5-12).

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A Linguagem e seu funcionamento*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SBB. *Revista da Bíblia*. Dossiê: *A mulher na vida cristã*. Nº 233 – outubro a dezembro 2011. Ano 64.

VILHENA, Valéria Cristina. (Org.) *Evangélicas por sua voz e participação*. São Paulo: Fonte editorial, 2015.